

UTOPIA PARA O PRESENTE

Avelino Aldo de Lima Neto¹

Beatriz Sales de Mendonça²

Maria Fernanda Cardoso Santos³

DE SOUSA FILHO, Alípio. **Utopia para o presente:** pelo fim de condições que produzem o sofrimento humano evitável. Jundiaí: Paco, 2022.

O livro do professor e cientista social Alípio De Sousa Filho, intitulado *Utopia para o presente: pelo fim de condições que produzem o sofrimento humano evitável*, publicado em 2022 pela Editora Paco, situa-se na esteira das implicações de uma tese sistematizada anteriormente pelo mesmo autor⁴. Na ocasião, ele postulou ser toda institucionalização engendrada pelo humano passível de ser por ele desconstituída.

Nessa direção, cabem duas breves elucidações, antes de determo-nos em *Utopia para o presente*. Em primeiro lugar, ressalte-se que essa disposição *construcionista e desconstrucionista crítica* se fundamenta em diversos autores da Filosofia, Psicanálise, Ciências Humanas e Sociais, tais como Marx, Durkheim, Freud, Lacan, Badinter, Foucault, Butler, Rubin, Rich, Elias, Bourdieu, Castoriadis, Godelier, Geertz entre outros. Ao considerar a miríade de correntes de pensamento às quais esses nomes se filiam, é possível asseverar que tal disposição atravessa, de um ponto de vista teórico-metodológico e epistemológico, as Filosofias e as Humanidades em geral, em alguma medida.

Em segundo lugar, a noção de *ideologia* empregada por DeSousa Filho deve ser compreendida em perspectiva pós-marxista, isto é, para além de uma vinculação estrita com a dominação de classe. Para ele, “mesmo no caso das modernas sociedades de classe (capitalistas, quase sempre; mas não apenas)”, a ideologia opera para além dessa dimensão, “sob o efeito da multiplicação de dispositivos estatais, educativos, morais, médicos, informativos”, ao instaurar “outras formas de dominação dos indivíduos, produzindo as

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Université Paul Valéry – Montpellier III e pela UFRN. Professor de Filosofia do IFRN. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 – CNPq. E-mail: avelino.lima@ifrn.edu.br

² Bolsista de Iniciação Científica. Licencianda em Letras no IFRN. E-mail: beatriz.sales@escolar.ifrn.edu.br

³ Doutora em Filosofia pela UFRN. Professora do Instituto Humanitas de Estudos Integrados (UFRN). E-mail: mariafernandacardososantos@gmail.com

⁴ DE SOUSA FILHO, Alípio. **Tudo é construído! Tudo é revogável!** A teoria construcionista crítica nas ciências humanas. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

sujeições que faz ela habitar, decerto, em primeiro lugar, a esfera da subjetividade individual, a vida íntima, o âmbito da vida emocional, mental, psíquica”⁵.

É ao retomar essa proposta que se elabora o *primeiro capítulo* da obra aqui apresentada. Nele, desenvolve-se o panorama da discussão, alinhavada nas seções subsequentes, quanto ao processo de emancipação humana na qualidade de partícipe na cocriação da sua realidade presente. No *segundo capítulo* do livro, reflete acerca do papel da imaginação no processo que intitula “desideologização”⁶, posto que o imaginar pode incitar a reflexão sobre como as instituições se consolidaram.

A fim de explicar as causas que rotulam a imaginação como utópica, no *terceiro capítulo*, o autor disserta acerca dos pilares do conservadorismo, avesso às transformações profundas. De Sousa Filho, aliado ao pensamento de autores como Claude Lévi-Strauss, afirma que esse “monoteísmo” constitui a base de um “etnocentrismo” por meio do qual são reproduzidos os fenômenos da xenofobia e do racismo⁷.

No *quarto capítulo*, a obra explana o conceito de realidade para a teoria construcionista crítico-radical⁸. Desta feita, estabelece que “o real é a dimensão das possibilidades, alternativas, matéria insurgente, infindável”, ao passo que a realidade “enquanto o existente, o finalizado e o atual, é um recorte do real mas que não o esgota”⁹. Em continuidade, ao considerar a atitude de evitar o sofrer enquanto uma obrigação ético-moral, no *quinto capítulo* do livro, De Sousa Filho argumenta acerca das razões do sofrimento humano.

Ao aprofundar-se, ademais, sobre a possibilidade de revogação, no presente, de instituições sociais causadoras de sofrimento, no *capítulo sexto*, o autor desenvolve a ideia da constituição de um consenso ético-moral e político geral, capaz de rearticular as relações sociais em busca da abolição do sofrimento evitável. Ao fim de sua obra, o cientista social

⁵ DE SOUSA FILHO, Alípio. O que é ideologia? A conceituação pós-marxista. In: MELLO, Marcela Tavares et al. **O que é ideologia?** Lisboa: Escolar Editora, 2016. p. 66.

⁶ DE SOUSA FILHO, Alípio. **Utopia para o presente**: pelo fim de condições que produzem o sofrimento humano evitável. Jundiaí: Paco, 2022. p. 45.

⁷ Sobre o tema, remetemos os leitores à obra *O menosprezo ao Brasil mestiço e popular: genealogia do elitismo racista na sociedade brasileira*, publicado por DeSouza Filho em 2024 pela editora Intermeios, especialmente ao capítulo *O elitismo racista*.

⁸ Essa discussão é mais pormenorizadamente realizada pelo autor em sua obra de 2017, especialmente na seção intitulada *Realidade e Real (I)*.

⁹ DE SOUSA FILHO, Alípio. **Utopia para o presente**: pelo fim de condições que produzem o sofrimento humano evitável. Jundiaí: Paco, 2022. p. 54.

salienta que a instauração de condições democráticas e justas do viver é o primeiro passo para a aniquilação de situações geradoras de violências.

Utopia para o presente é um livro-ferramenta. Ele combina erudição e profundidade teórica ao mobilizar variados autores das Filosofias e Ciências Humanas e Sociais, dos clássicos aos contemporâneos, para reabilitar a potência ético-política da *imaginação*, noção esquecida por um falso cartesianismo que, reiteradamente, insiste em afastar o pesquisador da realidade sob o pretexto de poder observá-la. De Sousa Filho renuncia a esse olhar ciclopico travestido de científicidade e enfatiza marcadamente aquilo que atravessa os sujeitos quotidianamente precarizados, não de forma abstrata, mas concreta e imediata, pois as violências explicitadas ao longo dos capítulos atingem a materialidade do corpo no aqui e no agora: racismo, homofobia, capacitismo, fome, miséria, violência policial, prisões injustas.

A reflexão engendrada na obra oferece um instrumental para a *atitude crítica*, tal como a compreende Michel Foucault (1984) inspirado em Kant. Isso porque De Sousa Filho (2022) problematiza a *relação ao presente* – ao imaginá-lo de outro modo –, o *modo de ser histórico* – ao denunciar a constituição ideológica das formas de produção do sofrimento em nossos sistemas de sociedade – e a *constituição do humano como sujeito autônomo* –, pois o *ethos* proposto pelo consenso ético-moral e político visa promover revoluções na ordem material e simbólica promotoras da dignidade humana em todas as circunstâncias e culturas.

Se a expressão *utopia para o presente* parece, em um primeiro momento, assemelha-se a um oximoro, é justamente aí que reside a força sintetizadora da proposta ético-política subjacente à obra. As utopias, ao contrário do que fomos acostumados a repetir em ladainhas de diversos sistemas filosóficos e políticos entre os séculos XIX e XX, não podem nos remeter a uma transformação que está por vir, uma promessa intocável, que ocorrerá quando houver as condições supostamente apropriadas para a sua implementação. Ao contrário, De Sousa Filho propõe uma reelaboração do termo ao torná-lo indissociável do *presente*: é agora que a realidade imaginada deve ser posta em marcha, em práticas concretas, mesmo que as conquistas sejam parciais, pois também é agora que todo o *sofrimento evitável* se encontra em ação.

Utopia para o presente é uma forma de denunciar os limites do pensamento ideológico; mas, ao mesmo tempo, a obra é um exercício que, retomando novamente Michel

Foucault, indica concretamente maneiras de realizar esse “trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade”¹⁰ no hoje da história.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que les Lumières ? In: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits IV**. Paris: Gallimard, 1984. p. 578.